



ISSN: 2230-9926

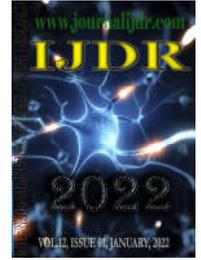
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 01, pp. 53440-53443, January, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23108.01.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ENTRE PORTUGAL E A AMAZÔNIA BRASILEIRA: A PRESENÇA DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM NA LITERATURA AMAZÔNICA OITOCENTISTA

*Dr. Veronica Prudente Costa

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil

Article History: Received 14th October, 2021; Received in revised form 03rd November, 2021; Accepted 09th December, 2021; Published online 30th January, 2022

Copyright © 2022, Profa Dra Veronica Prudente Costa (UFRR-PPGL). This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Profa Dra Veronica Prudente Costa (UFRR-PPGL). "Entre Portugal e a Amazônia brasileira: a presença de Francisco Gomes de Amorim na literatura amazônica oitocentista", *International Journal of Development Research*, 12, (01), 53440-53443.

INTRODUCTION

Em primeiro lugar agradeço o convite para participar deste evento com a organização dos colegas do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, espaço de pesquisa importantíssimo para todos nós. Gostaria também de fazer uma breve homenagem e dedicar essa apresentação de hoje a Eduardo Lourenço, ensaísta inigualável que nos deixou ontem, e que tanto nos ensinou sobre o nosso passado colonial. Cito aqui algumas de suas palavras sobre as contradições e desencontros da nossa história colonial e que servem como epígrafe do trabalho que apresentarei a seguir.

O oceano foi mais fácil de atravessar do que o fosso de incompreensão aberto desde o início das relações, e que não logrou ser preenchido nem ultrapassado até agora. De um lado, uma civilização, uma cultura, que se veem e se leem como naturalmente universais, coisas da sua origem e da sua genealogia divinas; de outro, uma nova humanidade cuja língua ainda não se conhece e cujo código se rejeita quando se acredita adivinhá-lo ou conhecê-lo. (Eduardo LOURENÇO, 2005, p.66) em *A Morte de Colombo*

É dessa estranheza e incompreensão citadas por Eduardo Lourenço que inicio minha apresentação sobre Francisco Gomes de Amorim, o menino que ao chegar no espaço que hoje chamamos Amazônia se surpreendeu ao ver "uma multidão de gente de todas as cores" (Amorim, 1858: VII), conforme as suas palavras, o contato com esse Outro desconhecido o surpreende, mas esse encontro vai ser definitivo para delinear o escritor que setornará mais tarde. Francisco Gomes de Amorim nasceu em 1827 em Aver-o-Mar ou Avelomar, na região da Póvoa de Varzim, e faleceu em 1891 em Lisboa. Eu o conheci desde os tempos da graduação, por volta do ano 2000, nas aulas de Literatura Portuguesa do Mestre querido Sérgio Nazar David. Mas neste primeiro momento ele me foi apresentado como

reconhecido biógrafo de Almeida Garrett, por ter narrado em detalhes a vida deste escritor em 3 grandiosos volumes. Trilhei meu percurso acadêmico na especialização em Literatura Portuguesa na UERJ e escolhi Garrett como trabalho de fim de curso num estudo comparativo entre ele e Laurence Sterne, Gomes de Amorim estava ali presente como meu suporte de pesquisas sobre Garrett. Alcei outros voos no Mestrado em Letras Vernáculas da UFRJ e anos depois, já no doutorado também na UFRJ em 2010, minha vida ganhou novos rumos fora do Rio de Janeiro a partir da minha escolha de migrar para o Norte e trabalhar na Universidade do Estado do Amazonas. Hoje, após migrar mais uma vez em 2019, estou na Universidade Federal de Roraima. Em 2011, assim que cheguei em Manaus para posse do concurso, fui conhecer a cidade e lá no centro, na livraria da Editora Valer, me deparei com uma edição do romance *Os Selvagens* de Francisco Gomes de Amorim, fiquei curiosa e adquiri. Após a leitura, me surpreendi com a gama de informações trazidas pelo autor. É um romance histórico que narra episódios de conversão ao catolicismo de membros da etnia Mundurucu, os conflitos desta etnia com a etnia Mura e tem como pano de fundo a Cabanagem, um movimento revolucionário que, muito além das breves explicações em certos livros de história, só no Amazonas fui compreender sobre ele mais profundamente e percebi que ele reverbera questões cruciais da história colonial na Província do Grão-Pará. Vale ressaltar aqui que até o século XIX o que chamamos hoje de Amazônia brasileira, era a Província do Grão Pará, e era administrada separadamente do restante do Brasil e inclusive resistiu à independência de Portugal e sua anexação ao restante do país. A partir da leitura de *Os Selvagens*, fui em busca de outras obras do autor e tive acesso a *Remorso vivo* e *Cantos Matutinos* (ambos adquiridos com dificuldade através de sebos online). Então, descobri que Francisco Gomes de Amorim tinha passado um tempo da sua infância e adolescência na Amazônia, chegou a Belém do Pará aos 10 anos de idade acompanhando o seu irmão mais velho Manuel Gomes de Amorim, que vai se tornar posteriormente um importante livreiro no Pará e permanece no Pará até a sua morte. Ambos chegaram a Belém cheios de ilusões de adquirir bens materiais e "Depois de uma viagem a que não faltaram a fome, a sede, as calmas e as tormentas" (Amorim, 1858: VI), perceberam que foram enganados por alçadores. Foram vendidos e separados no cais da alfândega, numa espécie de mercado de "escravos brancos" que ocorria neste lugar em

*Corresponding author: Dr. Veronica Prudente Costa,

decorrência das leis de proibição do tráfico de negros escravizados. Esta prática é denunciada nas obras de Gomes de Amorim e também pela Imprensa da época, conforme fontes do Diário do Grão Pará em 1857. Neste momento, é quando ele afirma anos mais tarde ter se visto rodeado "de uma multidão de gente de todas as cores" (Amorim, 1858: VII), o que comprova a presença de indígenas e negros naquele cenário, em meios aos homens brancos.

Conforme o próprio Francisco Gomes de Amorim conta no prefácio da obra poética *Cantos matuninos*, ele foi um menino arreado que não se acostumava com a vida de servidão e tempos depois de trabalhar como empregado e caixeiro em comércios de patrões portugueses, saiu sozinho se enveredando por povoamentos ao longo do rio Amazonas. Apesar de tão pouca idade, viveu momentos marcantes e desenvolveu um olhar crítico sobre os episódios que observou. Em 1846, retornou a Portugal, tornou-se amigo de Garrett e depois se torna um escritor produtivo.

Aos poucos fui tendo acesso às obras dele, apesar da dificuldade de encontrar exemplares disponíveis aqui no Brasil e cada vez mais fui me interessando pela escrita de Gomes de Amorim e pela forma como ele narra episódios importantes da Amazônia oitocentista, seja em romance, poemas ou nas peças teatrais. Em 2014, após a defesa do meu doutorado sobre o épico *Muraida*, de Henrique João Wilkens, outro português que esteve na Amazônia no século XVIII em missão militar, escrevi meu novo projeto de pesquisa chamado *Presença Portuguesa na Amazônia*, que foi financiado pelo edital universal do CNPq, e através deste me aproximei mais ainda de Francisco Gomes de Amorim e de Ferreira de Castro. Já no início de 2015, num encontro inusitado do destino, durante minhas férias no interior da Bahia, conheci a trineta de Francisco Gomes de Amorim, Joana de Carvalho, que também estava em férias por lá. Iniciamos uma amizade e logo em seguida eu estive em Portugal para um congresso e pesquisas e Joana me recebeu com muita atenção.

Aproveito aqui essa oportunidade para agradecer publicamente à Joana por ter me cedido materiais da história da sua família e ainda ter me dado de presente o livro de despesas e ganhos de Gomes de Amorim, onde encontramos registros das vendas do autor. Até hoje nós mantemos a amizade e creio que Joana possa estar nos assistindo neste momento. O através da leitura desse livro de despesas que descobri pelas próprias palavras de Gomes de Amorim que ele considera ter obtido sucesso em vida como escritor, conforme ele próprio declara em anotação de 1886, cito:

"Divididos por 40 anos, de 1847 a 1887, que tantos há que exerço a litteratura, tanto bien que mal, da 385\$231 (385 mil, 231 réis),¹ por anno. Vale a pena ser escriptor em Portugal, advertindo que eu fui dos menos desafortunados de meu tempo!" . Ainda sobre as anotações do autor nesse livro de despesas, estou construindo um outro trabalho que apresentarei futuramente para discutir a circulação das obras dele no século XIX. E conforme informações cedidas por Joana de Carvalho, em 1891 "Quando morreu, Gomes de Amorim, tinha na biblioteca de sua casa, perto das ruínas do Carmo, quase sete mil livros, entre os quais uma primeira edição de *Os Lusíadas*. Deixou escrito 6 romances, onze peças de teatro e oito livros de versos e uma biografia de Almeida Garrett em 3 volumes." Ainda conforme registros de Joana de Carvalho, ela conta que os amigos de Gomes de Amorim quiseram fazê-lo descer da linhagem dos condes de Amorim, que em Avélar tiveram casa de verão desde os tempos de D. João I. No entanto, o próprio Gomes de Amorim afirmava que seu pai se dedicara à marinha mercante e foi engolido pelas ondas e sua mãe vivia na penúria", fato que impulsionou os irmãos a aceitarem a migração para Belém como forma de obter retorno financeiro. Apesar da obra de Gomes de Amorim ser pouco estudada hoje em dia, mesmo com a importância de abordar tantos detalhes valiosos do cenário amazônico no século XIX, percebemos que obteve uma boa circulação em Portugal e em nota de Nicolau da Fonseca na seção de Curiosidades Literárias, em in O Primeiro de Janeiro: observamos referências que em História da Literatura Portuguesa de Mendes dos Remédios ao comentar a edição anotada de *Os Lusíadas*, 'que tais notas se ressentem da falta 'de conhecimentos filológicos, porém não seriam para admirar quaisquer deficiências, tratando-se dum escritor

que não pôde frequentar escolas e se fez por si, dotado de superior talento.

Na obra de de José Saraiva e e Óscar Lopes é citado como poeta, dramaturgo, contista e articulista consagrado que entrou na Academia e no funcionalismo, e Fidelino de Figueiredo também o cita na sua História da Literatura Portuguesa². Apesar de citado em obras de renome da História da literatura Portuguesa, ainda é um autor que carece de estudos aprofundados, uma fortuna crítica mais ampla e, principalmente, a reedição de suas obras. Neste momento, gostaria de pontuar brevemente algumas reflexões sobre uma das obras teatrais de Gomes de Amorim. Em *Ódio de raça*, ele expõe os processos de construção social na Amazônia no século XIX, observando as relações estabelecidas entre brancos, negros, mestiços (ou mulatos) e indígenas. Verificamos como a escravidão, o preconceito, o racismo e as violências físicas e simbólicas se apresentam no discurso das personagens da peça teatral. Ela foi publicada em 1854 e dramatizada pela primeira vez no Teatro D. Maria II, foi vista pelos jornalistas e críticos literários como uma obra prima que veio a ser uma das mais reveladoras em relação à escravidão no Brasil e uma denúncia sobre as leis que reprimiam o tráfico de negros escravizados, mas nenhuma sendo cumprida de acordo com o previsto. Destaco aqui a linda edição de Maria Aparecida Ribeiro e Fernando Matos de Oliveira, que reúne as 2 peças (*Ódio de raça* e *cedro vermelho*), cartas do autor e muitas notas riquíssimas em detalhes da experiência de Gomes de Amorim na Amazônia, a edição com notas é de 1869, publicada 15 anos depois da primeira encenação em 1854. Quando acusado de exagero na trama de *Ódio de Raça*, ele disse: "não houve encarecimento na pintura; copiei do natural" [...] "Não exagerei coisa nenhuma, não deprimi, nem lisonjeei; fiz a história e não a sátira dos costumes". E ainda, Gomes de Amorim afirmou: Deixei a espingarda pela flecha; a língua portuguesa pelo dialecto cultural dos jurunas, ou pela língua dos tupis; preferi em fim, o selvagem ao homem civilizado, e comecei a vagamundear pelos bosques, como o tinha feito nas campinas do Minho. (AMORIM, 1858, p. XIV). Ao iniciar sua trajetória como escritor, Gomes de Amorim estabelece um diálogo profícuo com a sua vivência na Amazônia e transita com maestria entre a História e a Literatura. O próprio autor assume esse diálogo quando afirma que produz sua obra literária, não apenas como "documentos para a posteridade" mas também como relatado mundo real que lhe serve de referente ao universo ficcional.

Podemos dizer que a peça teatral veio denunciar e expor os "açóites" que eram realizados contra os negros e a forma etnocêntrica com que os habitantes da região amazônica eram tratados. Inclusive para confirmar a presença dos negros na região amazônica que foi invisibilizada por certos historiadores do passado e assim como o mito do "vazio demográfico" na Amazônia hoje não se sustenta mais, também não se sustenta a falácia de que não houve presença negra na Amazônia. Destaco a obra organizada pela historiadora Patricia Melo Sampaio chamada o Fim do silêncio, presença negra na Amazônia. Voltando ao drama teatral, ele é constituído por três atos, e cinquenta e cinco cenas. O cenário do 1º ato é na cidade de Belém, e os 2º e 3º atos ocorrem numa fazenda não muito longe da mesma cidade. Desta forma, o enredo ficcional no primeiro momento mostra o relacionamento do senhor do Engenho e seus escravos negros e mulatos, relatando como era a relação entre eles e as tensões sociais que emergiam numa sociedade dividida em hierarquias injustas. *Ódio de Raça* vem mostrar a submissão dos negros, as rivalidades entre mulatos e negros e o ódio aos brancos. , o autoritarismo dos brancos que causa o preconceito racial por não aceitarem o modo de ser deles e dos demais. Assim, no prefácio desta obra, Gomes de Amorim nos conta que foi incentivado a escrever sobre esse tema por Almeida Garrett e este havia recebido para deliberação um projeto de lei sobre a extinção da escravidão nos domínios portugueses. Garrett chegou a conhecer a obra, mas faleceu no mesmo ano de sua primeira exibição sem ter tempo de assistir a primeira exibição da peça. Gomes de Amorim reafirma o caráter moralizante e cristão bastante presentes na literatura do século XIX, no sentido de "regenerar os pretos e

¹1:000\$000 Um conto de réis (um milhão de réis);

moralizar os brancos” conforme as palavras do autor, ao abordar as torpezas da escravidão. Ainda no prefácio ele ressalta os absurdos da violência na captura dos negros em sua terra original, as mortes durante a viagem, a venda e separação de famílias inteiras na chegada, bem como os incestos forçados e os estupros de mulheres negras, observando que a única possibilidade de igualdade seria através do fiel cumprimento dos ensinamentos do evangelho.

Gomes de Amorim fala de uma realidade amazônica presenciada pelo próprio autor em outro momento de sua vida e deixa claro nos pequenos atos de seu drama, o relacionamento entre os brancos, negros, indígenas e mulatos, que por sua vez faziam todos os trabalhos braçais para arrecadar riquezas ao senhor do engenho e desta forma acabavam odiando os brancos e sendo detestados pelos seus outros “irmãos” da mesmarama. Com uma realidade pouco humanizada, em relação aos escravos, Ódio de Raça, dá ênfase maior ao modo de viver dos brancos e negros, e ao ódio entre eles. Colocando em cena os costumes, crenças, modo de viver, pensamentos, ideologias existentes por cada pessoa no círculo vicioso da escravidão. o preconceito, e as violências que ocorriam conforme a vida no engenho. Segundo Patrícia Melo Sampaio,

[...] as questões carregadas pela escravidão tendo como referência o fato de que novos sujeitos sociais estão emergindo na sociedade colonial paraense e sua própria presença, pela força das contradições que carrega, contribui para torná-la mais complexa na medida em que escravos negros e os índios inseridos em diferentes modulações do trabalho compulsório irão compor, ainda que de maneira juridicamente diferenciada, as bases da mão-de-obra disponível no Grão-Pará. Não menos importante ao considerar esse novo segmento é o destaque à questão da propriedade de homens pelo peso que esta assume na configuração das hierarquias sociais na colônia [...] (SAMPAIO, 2011, p. 17-18).

O fragmento acima vem frisar como as marcas do colonialismo e a hierarquia colonial são impregnadas de conceitos europeus sobre a sociedade e se instalaram na colônia, depositando todos os preconceitos etnocêntricos que marcaram a sociedade do Grão-Pará naquela época. Muitos desses estigmas contra negros e indígenas ainda predominam e permanecem na contemporaneidade. O drama de Amorim consiste em viabilizar a crítica sobre o olhar etnocêntrico e a rivalidade entre os personagens pelo fato de que um deles foi batizado e educado conforme as leis dos brancos “portugueses” e recebendo um nome de branco. Visto que negro José enaltece a si próprio porque foi batizado e é de sangue puro e o mulato era fruto da miscigenação e não teria uma raça determinada:

Domingos: Olá, Pai Cazuzo! José: O meu nome é José.
Domingos: Ora, parceiro... Pai Cazuzo é mais bonito. José: Eu fui batizado
Domingos: Não se zangue parente
José: Parente? Um mulato?... Não há disso na minha terra. Eu sou cabinda de sangue puro e raça fina. Os mulatos não tem raça. (AMORIM, 1869, p. 17).

Nesta passagem, além de deixar explícita a violência simbólica, causada pelo branco aos negros e mestiços, nos mostra também os traços europeus no discurso do negro com a superioridade, desvalorizando outra raça e outra cultura. Segundo o próprio Gomes de Amorim, nas notas do texto, afirma que havia negros e mulatos que por sua educação, inteligência e sentidos se igualavam aos seus senhores brancos, honrando a terra de seu nascimento e “vingando-se nobremente de sua origem”. Na passagem a seguir fica claro o ódio entre as raças:

Domingos: É verdade que tu és branco, e por isso e detesto tanto como aos portugueses. Tens o mesmo sangue; são teus irmãos, apesar da má-vontade que finges ter-lhes [...] A minha raça é única, e por isso aborreço as outras raças. Eu sou a escória, e o refugio dos homens, e sou escravo. Mas hei de pagar-lhe em ódio e sangue tudo que lhes devo em desprezo. (AMORIM, 1869, p.21).

E assim os conflitos seguem e ao final da peça temos a morte do negro como símbolo de libertação, pois para além do viés cristão, observamos que o negro escravizado só teria total liberdade depois da morte, pois nem a carta de alforria dada pelos brancos dava uma liberdade ou algum sentido de igualdade social para eles. Portanto, finalizo dizendo que quando fui convidada para esta mesa, fiquei refletindo sobre o que seria interessante falar e imbuída pela importância e repercussão da campanha “black lives matter” me veio o desejo de trazer essa obra que aborda uma discussão já tão antiga e importante sobre igualdade racial e que ainda hoje não conseguimos vislumbrar.

Pois na sociedade como um todo e até mesmo dentro de espaços ditos cristãos observamos reiterados ataques a símbolos da cultura trazida pelos negros, ainda os inferiorizando e reverberando inúmeras formas de preconceito. E Francisco Gomes de Amorim, dentro dos limites de seu tempo, conseguiu expressar essas contradições se tornando um escritor a quem admiro muito e ainda estou pesquisando. Quando se depara com essas situações na fazenda de seu pai, a personagem Emília revela acreditar que cada escravo tinha o seu lado bom, e nesse ato consciente dela acabava por influenciar os negros que eram violentados de forma simbólica, porque os negros acreditavam que tudo que ela fazia e dizia era o correto sem perceber que eles estavam sendo violentados visto que a sinhazinha era contra o ato de punição em forma de açoites. E com isso ficava sendo como um “Anjo”, e protetora dos pretos em especial o escravo José que era um dos mais prestativos escravos e apaixonado pela senhora branca da fazenda de Roberto.

[...] A senhora Moça está em casa e o mulato quer vingar-se porque ela me justificou e o fez açoitar a ele. Mas enquanto eu for vivo não lhe há-de tocar [...] Só um preto que tem ódio, só eu podia ler nos olhos do mulato o pensamento infame que ele tinha quando fugiu. Depois de receber o castigo viu a Senhora Moça e tremeu como a juçara quando lhe bate o vento. (AMORIM, 1869, p. 48).

Ao saber da intenção do escravo José, Domingos que era muito dissimulado e inteligente acaba se revoltando e arma uma cilada na casa grande de Roberto que acaba pegando fogo, o negro José vai até a casa para salvar a Emília sua “protetora” e fica gravemente ferido. Ao final, o negro em leito de morte diz à senhora branca que naquele momento ele tinha a sua liberdade e iria viver em paz com a sua mãe que estava no céu. Observamos que apesar de todos os preconceitos e violências, o escravo naquela época sentia que teria total liberdade depois da morte, pois nem a carta de alforria dada pelos brancos dava uma liberdade real para eles. Deparar-se com essas situações na fazenda de seu pai, fez Emília acreditar que cada escravo tinha o seu lado bom e com os seus bons atos, acabava por violentar os escravos. Pois através de seu discurso inquestionável e dito como verdade para eles, mesmo sendo bem intencionada de acordo com os padrões cristãos, ela estava na posição de dominadora e por isso violentava de forma simbólica os escravos. A sinhazinha era contra o ato de punição em forma de açoites, e através de seu discurso humanizado transmitia confiança aos mesmos, uma vez que para os escravos ela simbolizava a “verdade”.

... A senhora Moça está em casa e o mulato quer vingar-se porque ela me justificou e o fez açoitar a ele. Mas enquanto eu for vivo não lhe há de tocar [...] Só um preto que tem ódio, só eu podia ler nos olhos do mulato o pensamento infame que ele tinha quando fugiu. Depois de receber o castigo viu a Senhora Moça e tremeu como a juçara quando lhe bate o vento”. (AMORIM, 1869, p. 48).

E com essas eventualidades do destino envolvendo os escravos e o senhor do engenho, que por sua vez acabava cedendo algumas de suas atitudes por motivo de sua filha ser a única pessoa que acreditava na “liberdade” e na igualdade entre os negros e mulatos.

²(Nota de Nicolau da Fonseca na seção de Curiosidades Literárias, in O Primeiro de Janeiro)

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Francisco Gomes. Cantos Matutinos; Lisboa- Typografia 1° ed. 1858. AMORIM, Francisco Gomes. Ódio de Raça; Lisboa, Largo do Carmo; 1° de Janeiro, 1869.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, a arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico; Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal)-16°ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COLLYER, Fernando. Expansão Colonialista; Crônicas de História do Amazonas 1998 2°ed.
- COSTA, Veronica Prudente, Muraida: A tradição literária de viagens em questão, Rio de Janeiro, 2013, Tese de Doutorado.
- CUNHA, Euclides da. Amazônia: um paraíso perdido./ Manaus: Editora Valer/2003.
- DOLZ, Joaquim, [et al]. Produção escrita e dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Campinas.Mercado das letras, 2010.
- DIONISIO, Angela Paiva, [et al]. Gêneros Textuais & ensino. 2010.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem filosófica: pelas capitânicas do Grão Pará, 2008 2°ed.GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. 2° ed. Manaus: Editora Valer 2007.
- HOLANDA, Buarque Sergio de. 1902- 1982. Raízes do Brasil. – 2° ed. – São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- LOURENÇO, Eduardo. *A morte de Colombo*. Lisboa: Ed. Gradiva, 2005.
- NEVES, Auricléa Oliveira das. A Amazônia na Visão dos Viajantes dos Séculos XVI e XVII: percurso e discurso./ Auricléa Oliveira das Neves.- Manaus: Editora Valer, 2011.
- OSÓRIO, Duque Estrada. A Abolição—Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2005. 258p.- (Edições do SenadoFederal;v.39).
- VALENTE, Luiz Ismaelino. “Vultos notáveis do passado”. In: http://sites.siteturbo.com.br/_gerador/upload/1287/01_-_Sal_Alenquerense_-_Gomes_de_Amorim.pdf (acessado em 25 de maio de 2015, às 16:35)
- TODOROV, Tzvetan. 1939- A conquista da América: a questão do outro/ Tzvetan Todorov: tradução Beatriz Perrone Moisés. – 2°ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- REIS, Arthur César Ferreira. História do Amazonas- Súmula para professores. 4° edição- Manaus: Editora Valer, 2008.
